

Potencializando o enegrecer a partir da análise fílmica de *Green Book*: um guia para a vida

Powering Blackness from Green Book Film Analysis: A Guide for Life

Impulsando la negridad a partir del análisis de películas del Libro verde: una guía para la vida

Eduardo Augusto Farias

Universidade Estadual de Londrina

E-mail: professoreduardofarias@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7241-0530>

Ravelli Henrique de Souza

Universidade Estadual de Londrina

E-mail: ravelli59@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5706-9373>

Marta Regina Furlan de Oliveira

Universidade Estadual de Londrina

E-mail: marta.furlan@yahoo.com.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2146-2557>

RESUMO

O presente artigo objetiva desenvolver uma análise fílmica a partir de como percebemos e compreendemos a poética como elemento indissociável da vida cotidiana. Para tanto, apresentamos a desconstrução imagética do filme *Green Book: o guia* em que perfazemos a crítica aos olhares hierarquizados e condicionados ao padrão da normalidade referente a corpos negros e que transgridem o universo de tudo que é apontado como padrão. O texto nos impele a refletir sobre as dores dos corpos negros, sobre as dores causadas pela xenofobia e sobre o fracasso escolar de um dos protagonistas do filme, que é auxiliado pelo protagonista Don Shirley a superar suas dificuldades com a escrita. Ele então rompe com estereótipos a partir da representatividade de um músico negro de renome

FARIAS, Eduardo Augusto; SOUZA, Ravelli Henrique de; OLIVEIRA, Marta Regina Furlan de. **Potencializando o enegrecer a partir da análise fílmica de *Green Book*: um guia para a vida.**

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFGM. v. 14, n. 31, maio-ago. 2024

ISSN: 2238-2046. Disponível em: < <https://doi.org/10.35699/2238-2046.2024.46619> >

internacional e de sua amizade construída em meio à superação das diferenças, em que os diferentes se entendem em processos de aprendizagem mútua e social.

Palavras-chave: *Educação; classe social; contexto e tempo histórico; racismo.*

ABSTRACT

This paper aims to develop a film analysis based on how we perceive and understand poetics as an inseparable element of everyday life. To do so, we present the imagery deconstruction of the film *Green Book* in which we criticize the hierarchical views and conditioned to the standard of normality referring to black bodies and that transgress the universe of everything that is pointed out as standard. The text impels us to reflect on the pain of black bodies, on the pain caused by xenophobia and on the school failure of one of the protagonists of the film, who is then helped by the protagonist Don Shirley to overcome his difficulties with writing. So he breaks with stereotypes based on the representation of an internationally renowned black musician and his friendship built in the midst of overcoming differences, where different people understand each other in mutual and social learning processes.

Keywords: *Education; social class; context and historical time; racism.*

RESUMEN

Este artículo pretende desarrollar una película a partir de cómo percibimos y entendemos la poética como elemento inseparable de la vida cotidiana. Por ello, presentamos la deconstrucción imaginaria de la película *Libro Verde: una amistad sin fronteras* en que criticamos las perspectivas jerárquicas que se condicionan al estándar de normalidad referente a los cuerpos negros y que transgreden el universo de todos o que se configuran como estándar. El texto nos lleva a reflexionar sobre el dolor de dos cuerpos negros, sobre el dolor causado por la xenofobia y sobre el fracaso escolar de dos protagonistas de la película que son ayudados por el protagonista Don Shirley a superar sus dificultades con la escritura. Luego, rompe con estereotipos basados en la representación de un músico negro de renombre internacional y su amistad construida en medio de la superación de diferencias, donde diferentes personas se entienden en procesos de aprendizaje mutuo y social.

Palabras clave: *Educación; clase social; contexto y tiempo histórico; racismo.*

Introdução

Compreendemos a poética negra como uma maneira de olhar e perceber a vida e as coisas que nos afetam e emocionam, a partir de todas as maneiras de se pensar e entender a arte. Os filmes repassados pelos aparatos tecnológicos, como a televisão, também são considerados poéticas que retratam representações sociais de si e do outro, porém, muitas vezes são hierarquizados e direcionados a um olhar estrutural referente aos corpos negros, invisibilizando-os.

A desconstrução imagética do filme *Green Book* (2018) no âmbito educacional buscando articulações com a educação infantil se torna necessária para a realização de um movimento contracolonial (Fanon, 2008). O ambiente educacional é visto como uma instituição de poder que hierarquiza os sujeitos em um movimento contrário às narrativas de si. Pretende-se, neste contexto, realizar uma análise crítica referente às dissidências raciais, entrecruzando com as questões de classe e sexualidade presentes nas imagens fílmicas, visando a interseccionalidade (Akotirene, 2019).

No intuito de realizarmos tal mobilização educacional, enquanto subjetividades negras e profissionais da educação, reafirmamos a partir das alianças entrecruzadas por afetividade, do relato e reconhecimento de si a necessidade de evidenciar sentidos e significações que produzam efeitos contrários às forças neoconservadoras presentes no ambiente escolar na educação para a infância.

Como procedimento metodológico, optamos por uma análise interpretativa discursiva contracolonial do filme *Green Book: o guia*, buscando confluências entre autores antirracistas, tais como Fanon (2008), Jesus (2018) e Amaro e Farias (2021), além de autores que dialogam contra a opressão, como Adorno (1993), Bourdieu (1992, 2019) e Butler (2017), a fim de efetivar a transgressão educacional. Esta junção de potências acadêmicas evidencia teorias de sentidos e significações analisando as verdades presentes no objeto estudado, evidenciando uma construção crítica, discursiva e contracolonial em relação aos sentidos fixados de uma história contínua.

A análise provém da natureza dos sentidos, sem necessidade de uma verdade objetiva, uma vez que já existem discursos que pautam a manipulação estrutural ao ditar normas sobre os corpos, efetivando uma única verdade dita por intermédios do poder e suas instituições, tornando o sujeito apenas um objeto, sem reconhecer sua subjetividade humana e plural.

A interpretação discursiva contracolonial do filme provoca significações representando vivências dissidentes, visto que a categoria raça se intersecciona com as questões de gênero e sexualidade e a luta pelos direitos humanos em relação à comunidade LGBTQIAP+. Corpos considerados pelo neoconservadorismo como corpos objetificados, visando as formas que estes se relacionam e em qual sentido se toma a história por meio da análise de tais subjetividades, que operam no sentido contrário do controle estatal.

O percurso metodológico consiste em explorar pela análise fílmica a questão do preconceito e da normalidade estrutural, estabelecendo como procedimento para essa análise as seguintes categorias: escolha do filme; contexto e tempo histórico; personagens principais e antagonicos; e análise de cenas do filme de maneira escrita. Como elemento central, a discussão prioriza as categorias: raça e classe social.

Diante disso, surge a necessidade de compreensão crítica e contracolonial pautadas na tomada de consciência acerca das relações de poder que estão para além das imagens fílmicas, mas constituídas por efeitos ideológicos em relação à subjetividade dos corpos considerados como dissidentes e não binários.

Compreendemos, então, que não é possível pensar em uma sociedade que não utilize uma mediação de leitura que aceite as subjetividades humanas e que considere sua essência e desconstrução enquanto sujeitos de direitos. É necessária uma visão abrangente de mundo buscando interpretar e refletir sobre as transmissões culturais salientadas em nossos estudos, visando também a continuidade de novos estudos para que pessoas e profissionais de diversas áreas do saber que envolvem as ciências humanas e sociais aplicadas possam discutir e problematizar filmes repassados apenas pela oralidade em sala de aula sem um respaldo crítico para os estudantes.

Esclarecemos, por intermédio da experiência com a área da educação infantil, a necessidade de se questionar, estabelecer a crítica e transmitir novos filmes protagonizados por subjetividades não binárias, para que a criança, o estudante, e a/o profissional reconheça em si a importância da representação social, principalmente ao que diz o âmbito escolar, sendo uma instituição que forma cidadãos visando sua emancipação e reconhecimento de si.

Ainda que existam variadas formas de se trabalhar uma educação contracolonial a partir da educação para a infância, sempre se prioriza o respeito pela criança e/ou estudantes e as formas de se trabalhar o ensino. Porém, não objetivamos contribuir com modelos de ensino e aprendizagem, mas sim com uma reflexão crítica, para que adultos, profissionais, entendam o processo da crítica contra o neoconservadorismo e barbárie escolar.

***Green Book*: um filme baseado na história de uma potência em ação que ressignifica olhares sobre a negritude**

O filme inspirado em uma história real começa retratando a cidade de Nova York no ano de 1962, apresentando um contexto conjuntural de preconceito contra pessoas de cidadania italiana e sua comunidade. O personagem Tony Lip é casado com Dolores Vallelonga e eles possuem dois filhos, residem no Bronx, onde Tony trabalha como segurança. Ele faz alguns trabalhos extras, para sobrevivência e sustento da família.

Em relação a Tony e sua família, a primeira impressão que pode surgir é de uma “família Doriana”. Filha (2012) evidencia que tal cena que compõe a “família Doriana destoa da realidade vivida pelas famílias reais, com as quais convivemos e até mesmo com a nossa” (Filha, 2012, p. 305). Desta maneira, a composição familiar Doriana refere-se a famílias tradicionalmente “felizes”, uma vez que as pessoas se adaptam a esse modo de convivência, acreditando ser o ideal para se viver, realocando seus papéis nas representações sociais biológicas do que é ser homem, mulher, mãe, filho, irmão, criança etc.

A partir destes esclarecimentos, a família de Tony não pode ser considerada como Doriana e tradicional, pois à questão se evidencia a classe social e a luta para o sustento da família, uma vez que “pobreza”, neste olhar, não é sinônimo de felicidade, ainda que a família considerada imigrante de origem italiana viva nos Estados Unidos da América.

Assim, consolida-se o funcionamento de uma representação dominante do que é ser família perante atribuições de estereótipos de gênero pautados na repressão sexual posta desde três séculos e meio atrás (final do século XVII), uma vez que a família que não se identifica e não segue tal modelo dominante é vista pela sociedade disciplinar como anormal ou até mesmo desestruturada, que se desvia do limite ideal em relação à representação dominante do termo “família”, por se afastar e estranhar o termo que se convencionou historicamente, no decorrer dos séculos.

Desta maneira, é válido afirmar que essas “outras” representações de família não são apenas descrições para impor uma falsa ideologia; elas existem e produzem diferentes realidades em nossa sociedade, implicando a urgência de se obter o conhecimento científico sobre elas, a fim de proclamar uma sociedade respeitosa e inclusiva para todos.

O filme em primeiro momento mostra dois homens negros trabalhadores arrumando o encanamento da pia de Tony, e ele joga fora os copos que eles usaram, apenas por serem negros. Os elementos da cena demonstram aspectos do racismo. Tempos em que corpos considerados anormais e de acordo com o fenótipo racial eram considerados doentes (Fanon, 2008; Fanon, 2020).

Porém, o filme nos mostra em cenas posteriores que o racismo hipoteticamente pode ser superado, pois diante do convite de Don Shirley¹, um músico consagrado, considerado virtuoso pela crítica e elogiado pelo compositor russo de renome Igor Stravinsky, dizendo que “seu virtuosismo é digno dos deuses”. Tony Lip é descendente de italiano, branco e enfrenta preconceitos naquele contexto devido a sua nacionalidade. Don Shirley o convida para ser seu motorista e ficar encarregado da segurança dele. Salienta que irá realizar uma turnê pelo Sul estadunidense, onde irão se remeter as regiões que são mais segregadas no país. O que determinava os aspectos e a violência contidas na segregação racial eram as legislações estaduais estadunidenses, que eram diferentes de um estado para outro. Eles viajarão fundamentados pelo livro que dá nome ao longa metragem: *Green Book* se trata de um livro guia que existiu de verdade no período de segregação racial estadunidense: “se chamava *The Negro Motorist Green Book* (*O livro verde do motorista negro*, em tradução livre) e circulou entre 1936 e 1967”².

Shirley e Tony irão aprender com as diferenças, no enredo da história, fazendo com que os dois superem os preconceitos e julgamentos provisórios que se refletem no padrão ideal da normalidade (Heller, 2016; Adorno, 1993). Esta análise fílmica pretende fazer uma síntese desses elementos que se encontram na produção e reprodução dos estereótipos que se entrecruzam presentes no racismo e na xenofobia e como esses processos podem afetar o desenvolvimento educacional de estudantes a partir do papel social da escola de conservar ou de não se propor a ajudar a transformar e romper com o cotidiano de preconceitos enfrentados por diversos indivíduos sociais com base em suas características étnico-raciais, corporais e de pertencimento cultural.

Em plena década de 1960 nos Estados Unidos, Don Shirley era uma exceção, pelo capital cultural que pôde adquirir e o virtuosismo demonstrado em sua trajetória e talento visto desde os dois anos de idade. Nesse sentido, temos que nos perguntar em que medida a educação nos dá base para que possamos entender os impactos de políticas que não incluem, pelo contrário, excluem e segregam um contingente da população?

Precisamos analisar o filme em seu tempo histórico entendendo as intersecções que se configuram na vida cotidiana e social de cada personagem. O padrão ideal de normalidade visto por uma sociedade conservadora é paralisante e apresenta em si aspectos da estereotipia. Isso é visto na entrevista de emprego de Don Shirley com Tony Lip, em que ele pensa que o título de Doutor cabe somente aos médicos. Don Shirley é Doutor em Música, Psicologia e Teologia.

Até o momento, fica evidente que o capital cultural proveniente do conceito de arbitrário cultural permeado por Bourdieu (1992) nos apresenta ao realizar o movimento de discordar ou criticar um determinado padrão de normalidade ou ação que se pautem nas bases da família patriarcal, e no desenvolvimento do sistema familiar e/ou educacional, na questão da educação se manifesta dentro a ordem patriarcal, o racismo da inteligência. Bourdieu se aproxima aqui de um conceito antropológico de cultura, em que não deve ser comparado à dominação, logo, uma cultura específica não se configura como superior a outras culturas presentes no meio social. Mas na sociedade capitalista há um modelo perfeito de sociedade – a perfeição seria a obediência da classe dominada aos modelos pré-estabelecidos pela classe dominante sem a opção de contestação, mesmo que essa prática seja inconveniente ou arbitrária. É como se existisse um modelo ideal de procedimentos que a classe dominada ao adentrar nas esferas das instituições sociais fosse “obrigada” a

seguir, um modelo logicamente desenvolvido pela estrutura do capital. Neste sentido, o filme demonstra que a família de Tony é tida como dominada, e o estilo de vida de Don Shirley como dominante.

Ao decorrer das cenas, Tony Lip age com estranhamento a um objeto; o chifre de elefante que decora a casa do músico. Don Shirley diz que não é médico, é músico e que fará uma turnê pelo interior norte e sul do Kentucky, da Carolina do Norte e do Tennessee, estados norte-americanos que apresentam as legislações mais severas, pautadas na lei Jim Crow, que foram aplicadas entre 1867 e 1964 e em que se exigia a segregação racial nos ônibus, nos restaurantes, banheiros e outros estabelecimentos.

Don Shirley pergunta se Tony Varillonga tem algum problema em trabalhar para um homem negro, mas ele diz que não, que ele e a esposa receberam gente de cor para um café. Nesse aspecto podemos voltar à cena dos homens negros depois de tomarem café e Tony ter jogado os copos usados por eles fora.

Segundo Jesus (2018, p. 4):

[...] é preciso reconhecer outro uso da noção de raça, já que na medida em que o movimento negro brasileiro impulsionou uma ressignificação do conceito de raça, procurando dissociá-lo da noção estigmatizadora utilizada pelo racismo científico do final do século XIX, e procurando vinculá-lo às dimensões de pertencimento coletivo, a raça passou a ser entendida também como um importante marcador de identidades individuais e coletivas de negros e negras no Brasil e na diáspora. Negros e negras não seriam, portanto, somente aqueles que, portadores de acúmulo de melanina na pele, tornam-se alvos principais das práticas de racismo e de discriminação racial, mas aqueles que, portadores de acúmulo de melanina ou outras características fenotípicas associadas a um determinado coletivo, se veem e se sentem como parte de uma identidade coletiva: a raça ou a população negra.

Então, Don Shirley tenta reproduzir o preconceito que sofre com o motorista contratado. Tony diz que “o negócio é o seguinte: não tenho problema em andar com o Dr., mas não sou mordomo, e nem um engraxate e sim um motorista e se quiser terá que pagar US\$ 125,00 por semana”, porque se o Dr. for viajar pelo Sul vai ter problemas e se contratar alguém fraco para a função “vai ver no que vai dar”.

Podemos perceber nessas falas estereótipos, julgamentos provisórios e estigmatização. Tony fala no diminutivo de um homem de origem chinesa que poderia estar esperando para entrevista, ou que já tivesse sido entrevistado, talvez sem o conhecê-lo em sua essência. Tony aceitará o emprego. Porém, por outro lado, percebe-se que a classe social de Don Shirley, sendo um homem negro, é dada pela “naturalização da miscigenação forçada durante o período colonial, que perpetuaram o mito da democracia racial” (Ribeiro, 2019, p. 19).

O filme também apresenta elementos da máfia italiana, dos Clubes de Nova York, como o “COPA”, e o assédio da máfia para que Tony Lip se interligue funcionalmente a eles. Evidenciando que, em relação às classes dominadas, existe uma imposição de violência simbólica exercida pela sociedade, que reafirma tal violência a partir do reconhecimento do princípio simbólico na relação de dominação (Bourdieu, 2019). A legitimação das desigualdades existentes na sociedade não é resultado de uma falta de bagagem cultural, mas sim demonstrada como a valorização da dominação de comunicação, referentes ao conjunto de normas linguísticas da cultura do saber de modo específico, reproduzindo corpos subservientes e marginalizados.

Tony diz para Dolores que irá ser contratado e fala a respeito da aparência da casa, ela pergunta se ele é “de cor”, dizendo que se fosse ela não duraria uma semana com ele. Neste momento, Dr. Shirley faz uma ligação telefônica para Tony e pede para falar com sua esposa, perguntando se ela permite a ausência de seu marido por uns dois meses para que possam fazer a viagem para a turnê. Visualiza-se uma resignificação, o que se destaca enquanto aceitação na perspectiva de um homem negro empregar seu marido. Tony fala que é um bom dinheiro e que precisam; a esposa diz com ênfase: “Eu falei tudo bem em ir, Tony”.

Também se visualiza Dolores recebendo a família em casa, quando um homem amigo de Tony vem para assistir jogo de futebol e ela fica com todo o serviço de louças e bagunça para arrumar. Nesse aspecto, visualiza-se a questão de gênero com homens na sala e a mulher na cozinha recebendo os negros que vieram para arrumar o encanamento da pia. E os homens da família ainda destacam que vieram para ficar com Dolores, pois não era permitido homens negros ficarem sozinhos com mulheres brancas em ambientes sociais.

Os trabalhadores da gravadora dão a entrada do pagamento, relatam sobre o contrato que só receberá tudo no fim. Dizem que as vezes Don Shirley e Tony irão ficar em hotéis diferentes e lhe dão um guia chamado *Green Book* – o guia dos motoristas negros. Como Tony irá ficar responsável pela segurança do músico, a questão de hotéis diferenciados para o dois se dá pela segregação racial, que determinava um lugar de pertencimento aos negros. Mesmo sendo músico renomado, Don Shirley ficaria nos lugares com menos conforto e segurança.

Dolores diz para Tony escrever cartas, mas ele diz que isso não servirá para nada. Na verdade, Tony tem dificuldade com a escrita, o que representa o fracasso escolar, uma vez que o sistema escolar, perante os escritos de Bourdieu (2019), valoriza uma postura de brilhantismo de seus estudantes nos sistemas de escrita, que, em particularidade, exige do estudante um alto domínio sobre o conteúdo ensinado. Essa exigência se daria justamente pelo fato de a escola exigir um discurso dominante, caracterizado nos ideais únicos de sociedade. Assim, são exigidos uma aptidão verbal e um domínio do saber em relação à cultura escolar e à cultura familiar que apenas a classe dominante pode oferecer, instituindo a violência simbólica e exclusão das classes não dominantes no ambiente escolar.

Tony se criou no Bronx, gosta de ultrapassar nos jogos da vida, age por impulso muitas vezes e de forma violenta, mas é apaixonado pela sua esposa e seus filhos, fazendo de tudo por eles. Dolores se despede e dá ordem para que Tony chegue em casa para o Natal, caso contrário, não precisa voltar, uma vez que a figura da Mama é muita respeitada na Itália.

Tony se apresenta para os músicos do Dr. Shirley como motorista e os pede um cigarro, pergunta se são da banda. Oleg e Jorge dizem que não são uma banda, são um trio. Há uma dificuldade em Tony de entender a música numa perspectiva mais erudita. Isso representa que a escola muitas vezes não trabalha com esses elementos; enquanto instrumento de reprodução da estrutura, a escola não oferece oportunidade além do que está no conceito de tecnificação, formando mão de obra, muitas vezes barata, para que o mercado absorva e explore a partir da lógica capitalista. Dessa maneira, ao retratar a comunicação pedagógica como uma tradição realizada pela escola, entende-se que a mesma pleiteia implicitamente seu aproveitamento pleno e domínio prévio relacionado a um conjunto de habilidades e diversificadas experiências culturais e linguísticas que são

“degustadas” apenas por membros de alta classe. Os sujeitos que adentram no ambiente escolar deveriam ser considerados em suas diferenças culturais, sociais e econômicas, uma vez que precisam ligar os temas científicos à prática social (Bourdieu, 2019).

São as relações capitalistas que se configuram no currículo escolar (Adorno, 1993; Bourdieu, 2019). No filme, enquanto Don Shirley teve uma educação de qualidade por ter demonstrado seu potencial quando criança, o que equivale ao mérito na perspectiva neoliberal, Tony não teve as mesmas oportunidades e provavelmente não conseguiu avançar muito em seus estudos, tendo em vista a dificuldade com a escrita. Don Shirley é um homem educado, de requinte e com sucesso, contudo, mediante as leis de segregação é solitário, não pode ir a lugares que gostaria de ir e toca na maioria das vezes para gente branca, pois pessoas negras ainda em tempos contemporâneos possuem menos recursos financeiros, fruto do processo de sequestro e escravidão, que se caracteriza na desigualdade racial aliada à questão de renda, propriedade e consumo (Amaro; Farias, 2021).

Os currículos escolares devem lidar com a possibilidade de viver em diversidade de maneira positiva e produtiva, ao instigar a comunidade escolar e familiar a pensar suas próprias representações de família e como lidamos com outras diferentes das nossas, para que possa repensar o que se pode adotar como prática inclusiva no cotidiano escolar das crianças, uma vez que o ensino é integral. Para tanto, as novas práticas reelaboradas nos currículos escolares devem abordar as representações sobre família, raça e classe de maneiras não fixas, e sim fluidas, mutáveis. Com esse embasamento, o currículo escolar ajudará na luta em favor das diversidades em confluência com as representações sociais que podem ser redefinidas, desconstruindo o estereótipo do preconceito e do racismo estrutural constituído pela sociedade disciplinar, visando a educação de maneira inclusiva.

Don Shirley, em 1962, praticamente não era reconhecido pelo seu povo. O filme mostra o contraste de quando o carro Cadillac Sedan DeVille 1962 que irá seguir com os dois na viagem quebra na estrada. De um lado, os negros nas enxadas sendo explorados na lavoura, de outro, Don Shirley como patrão de um homem branco, que é seu motorista. Há uma relação de estranhamento no olhar daquelas pessoas negras trabalhando duro na terra, mas ao mesmo tempo há uma relação de troca de olhares de pessoas negras que talvez refletissem cada um a partir de sua singularidade que aquela estrutura poderia ser dissolvida, tendo em vista a representatividade daquele homem

negro, que com sua educação privilegiada pelo capital cultural poderia apontar para novos horizontes de seu povo, ocupar espaços além daqueles que eram permitidos. E era exatamente isso que Don Shirley tinha planejado.

Para Bourdieu e Passeron (2009, p. 16):

Na maior parte das teorias, a relação pedagógica é considerada como sendo, primordialmente, uma relação de comunicação e, portanto, segundo os autores, convém aferir do êxito desta comunicação pedagógica em função das características sociais dos receptores. Consideram que a eficácia da inculcação depende do domínio da linguagem erudita e que o domínio da língua materna tem a sua origem na classe. Os estudantes das classes inferiores e média tendem a sofrer uma seleção mais forte, segundo um critério de competência linguística. Um bom domínio da língua é essencial na apropriação dos conteúdos escolares, portanto as classes mais afastadas da língua materna e das manifestações eruditas da mesma tendem a ter uma maior dificuldade na apreensão dos conteúdos escolares.

Há uma relação também de preconceito entre Tony e os músicos da banda, principalmente com Oleg. Tony tem vocabulário das áreas do subúrbio de Nova York, da aprendizagem social de rua. Don Shirley faz suas exigências pedindo para em todo lugar que ele ficar ter uma garrafa de Blue Shark vodka à noite, e também para sempre checar se o piano é Steinway, a marca adotada por ele. Ele é um homem muito solitário, não lhe é permitido ir a lugar algum, não tem amigos.

O filme demonstra Don Shirley com uma linguagem fina e elegante, refinada e erudita; já Tony se apresenta com a sabedoria da aprendizagem social, trazendo palavras de baixo calão, a não preocupação com o meio ambiente, jogando embalagens usadas pela janela do carro na estrada, pegando uma pedra que estava à venda e havia caído no chão de uma loja e levando consigo sem que ninguém perceba.

O filme trabalha a partir de valores e em algumas passagens é moralista, entretanto a aprendizagem é mútua porque um irá aprender com o outro. Tony irá aprender a valorizar o homem negro, a entender o lugar que cada um ocupa a partir da estrutura. Os dois enfrentam preconceito: Don Shirley enfrenta o racismo e Tony enfrenta a xenofobia a partir do contexto de imigração.

A globalização cultural é figurada nos entrelugares de enquadramentos duplos: sua originalidade histórica, marcada por uma obscuridade cognitiva; seu "sujeito" descentrado, significado na temporalidade nervosa do transicional ou na emergente provisoriedade do "presente". "O descentramento

fragmentado e esquizofrênico [...] que causa certo estranhamento à medida que o capitalismo se defronta com sua persona fragmentada pós-moderna” (Bhabha, 2008, p. 298). Desse modo, há uma aversão ao novo, ao novo que entra atualmente nos países pelos imigrantes que tiveram em épocas passadas sua cultura invadida pela perversa lógica da colonização, mas também uma aversão a tudo o que é diferente, às diversidades culturais.

No filme, essa questão não fica visível para Tony, uma vez que os dois irão se conhecendo a partir da aceitação das diferenças e do processo integralizado no contexto de uma amizade. Tony fiscalizará sempre a montagem do piano, a marca exigida por Don Shirley para os contratantes, sendo muito visível que, apesar de ter mais recursos financeiros, Don Shirley é o homem que enfrentará mais violências reproduzidas pelas leis de segregação racial e também pela lei de sodomia, que buscavam produzir um “padrão ideal de normalidade” (Adorno, 1993).

Don Shirley aprende lições de vida também com o personagem Tony, que lhe passa uma lição de seu pai italiano que diz que tudo que faz, faça ao máximo, aproveite ao máximo.

As descrições anteriores evidenciam o processo de experiência a partir do relato de si e do outro, em que Butler (2017), ao fazer uma crítica da violência ética na questão sobre relatar a si mesmo, nos exemplifica que o encontro de si está intimamente ligado ao olhar do outro, tendo em vista que somos formados por um conjunto de estrutura normativas que pretende estimular os modos de viver e fazer em relações combinatórias a outrem. Assim, para me reconhecer, devo tratar o outro dentro de um campo social com normas igualitárias, pois “a função das normas não é só direcionar minha conduta, mas também condicionar o possível surgimento de um encontro entre mim mesmo e o outro” (Butler, 2017, p. 38).

O processo de experiência deve ser reconhecido como um dos principais fatores na luta contra o preconceito relacionado à raça, à classe e à sexualidade, uma vez que nos permite entender uma relação entre o que é singular e plural, trazendo a ideia de “exigir uma vida igualmente possível de ser vivida, que também seja posta em prática por aqueles que fazem a reivindicação, e isso requer a distribuição igualitária dos bens públicos” (Butler, 2017, p. 77). Logo, a verdade sobre a subjetividade negra e não binária é o reconhecimento de si que se efetiva em uma luta política e social

igualitária pela democracia, relacionadas aos direitos humanos, já que, hoje, no século XXI, tem-se o direito de saber e viver nossas subjetividades de acordo com nossas singularidades, que fazem parte do humano visto como total.

Ao compreender a relação de classes, o filme demonstra que Don Shirley fica em hotéis apenas para “pessoas de cor”, como se referiam aos negros. Tony fica geralmente na mesma rua ou uma quadra depois, num hotel com mais conforto. Os homens negros chamam Don Shirley de arrumadinho e o desafiam para jogar, ele diz que não, os homens negros dizem que ele é bom demais para isso e ele diz que só está de saída para ver um amigo. Shirley entra em um bar segregado apenas para homens brancos e é agredido. Agressões físicas eram comuns e podiam até chegar à morte, o que levou os motoristas negros a criarem o *Green Book*.

São diversas as situações desagradáveis vivenciadas pelo músico, como não poder experimentar um terno na loja e ser preso pela prática de sodomia, crime no país até 1962. As dificuldades para escrever e juntar as palavras difíceis que Tony tinha com as cartas irão ser superadas com o auxílio do amigo Don Shirley.

Tony é representado como um homem branco do subúrbio de Nova York, no Bronx de pós-1960. Ele tem uma boa compreensão e interpretação e diz que a carta está romântica para caramba. Isso demonstra que ele poderia ter tido uma educação de qualidade, entretanto, a condição social estrutural depende do aniquilamento dos sujeitos sociais. O Dr. Shirley compara a carta escrita por Tony a uma sinfonia e diz que é perfeita.

O filme apresenta conselhos de Don Shirley para que Tony Lip não se envolva com a máfia italiana oferecendo-lhe o cargo de gerente de posição. Tony demonstra uma aceitação em relação à homossexualidade, o que não quer dizer que não tenha preconceito, já que diz para o amigo que ficou decepcionado, mas em um momento anterior falou que não tem problema, pois já viu muita coisa nas casas noturnas de Nova York. O aprendizado do filme nos leva a entender que os personagens principais vão vencendo as barreiras colocadas pelo julgamento provisório que faz com que não conheçamos os seres sociais em sua totalidade.

Na obra de Rodrigues (2020), *Sem rótulos, por favor! Gênero e sexualidade em ambientes educacionais*, podemos interpretar os processos de exclusão vivenciados pela população LGBTQIAP+, como demonstrado a seguir:

Precisamos admitir que a educação possui deficiências e, a partir disso, buscar estratégias e dispositivos que transformem as pessoas e conseqüentemente a escola em um espaço que sejam fomentadas a reflexão e a criticidade diante de várias formas de ser e estar na sociedade. O sistema educacional tem que ser questionado assim como o projeto político-pedagógico. No sentido de provocar uma reflexão acerca do papel e da importância nesse processo da construção do indivíduo. Destarte, essas questões de gênero e sexualidade não contemplam somente a população LGBT, mas ficou clarificado que é umas das comunidades que mais sofre com ausência dessa discussão, pois compreendemos que esse tema faz parte da dimensão humana (Rodrigues, 2020, p. 72).

Assim, quando Shirley reclama de sua gravadora não ter aceitado ele fazer um disco de reprodução de música clássica elegendo suas técnicas, habilidades e estudos, Tony diz que “treinar torna a pessoa uma cópia” e que a música que faz é autêntica, fazendo-nos compreender que a música de Shirley possui seus traços e por isso é autêntica na sua impressão digital.

O filme apresenta também um policial que tem preconceito contra italianos apenas pelo sobrenome e chama Tony de negro, o que o faz bater no policial. Don Shirley é recebido em camarins perto da cozinha e em dispensas improvisadas. “É preciso coragem para mudar o coração das pessoas”, diz o músico Oleg para Tony, “por isso Dr. Shirley faz isso, não basta ser gênio, pois o último negro que tocou aqui apanhou durante muito tempo”. O músico era o próprio.

Em alguns estados dos Estados Unidos, os negros não podiam comer junto aos brancos, em outros não podiam usar o mesmo banheiro, tendo que se deslocar quilômetros.

No último dia da turnê, Don Shirley se recusa a tocar no mesmo lugar que havia apanhado anos atrás. Ele é protegido pelo segurança e motorista; o contratante racista e xenofóbico diz que “por isso não confio nessa gente”, se referindo a sujeitos negros e italianos.

O filme mostra Don Shirley e Tony se integrando num bar de cultura e música negra. A música é Blues e no bar Don Shirley toca junto de outros músicos da noite, e o público ouvinte fica fervoroso por mais. Na vinda de volta para casa, demonstra que existem policiais mais coerentes que os encontram e os avisam sobre o pneu furado do carro e desejam feliz Natal, o que nos permite atentar para não julgarmos antes de conhecer.

Tony chega em casa, beija Dolores, é recepcionado pela família. O mordomo indiano Amit recebe o Dr. Shirley, pergunta se pode desocupar as malas. Don Shirley fala “não, vá para casa com sua família”. Os dois se desejam feliz Natal. O mordomo indiano Amit é demonstrado numa posição de servidão enquanto trabalhador, na véspera de Natal encontra-se em serviço e de prontidão às tarefas que lhe são atribuídas. Entretanto, como estamos falando de capitalismo, o trabalhador recebe para tal e o sistema neoliberal torna à necessidade de colocar o sujeito em desvantagem social, papel que é representado a partir de padrões de normalidade rígidos.

Para Rosa Vázquez-Recio e Mónica López-Gil (2018, p. 10):

De este modo, cuando se habla en términos de un alumnado “sinsistema” y se dirige la mirada de fuera a dentro es posible llegar a entender las acciones marginales, las transgresiones y el asalto al orden establecido que realiza aquel, aunque puedan llegar a ser conductas no aceptables (por ejemplo, pegar o agredir). Se descubre la violencia estructural y simbólica que se ejerce sobre el alumnado que desemboca en una imagen paupérrima, no ya de lo que es (si se llega a reconocer quién es), sino de lo que será, conseguida a partir de desahucio iniciado desde las primeras acciones disruptivas (como gusta llamar ahora a las conductas que rompen la norma establecida) o desde las muestras de rechazo a lo escolar o a lo curricular porque no le da respuesta a sus inquietudes y problemáticas (sociales y familiares).

O filme se passa durante a década de 1960, neste sentido podemos trabalhar aspectos em relação ao período de segregação nos Estados Unidos. Artigos recentes têm demonstrado que os livros didáticos falam bastante do Apartheid da África do Sul, entretanto quase não falam do processo de segregação estadunidense.

Green Book traz muitos aspectos de sofrimento do homem negro, por isso a necessidade de exaltar o talento do artista e o objetivo central do mesmo de abrir caminhos para que outros homens e mulheres negras pudessem sair do que a sociedade concebe como o lugar social que determinado sujeito de direitos pode ocupar. hooks (2004) demonstra que o homem negro está permeado por

uma cultura de não amor, de não aceitação, por ser odiado apenas por sua cor pela branquitude neoconservadora. Como se cada pessoa em suas singularidades não pudesse se permitir a descobrir o mundo, as artes, a matemática, a ciências, a sociabilidade, a física, conteúdos de disciplinas que podem ser trabalhados a partir do filme numa perspectiva interdisciplinar.

O final do filme nos apresenta Don Shirley sozinho em casa e pensativo. Tony diz estar cansado, que a viagem foi longa. Ele tinha penhorado um relógio para pagar uma conta e garantir o sustento de sua família, e consegue, a partir do dinheiro recebido, o relógio de volta. Charlie, o relojoeiro do penhor, foi convidado e veio para a ceia com sua esposa. A próxima visita que chega é Don Shirley, que a princípio é estranhado pela família italiana. Contudo, as famílias italianas possuem uma cultura de dificilmente receber mal ou não acolher as pessoas em suas casas. Eles falam dando risada e produzindo um efeito de integração, pegam o prato para Don Shirley, que é recebido com um abraço de Dolores, esposa de Tony, e que o agradece por ajudar com as cartas.

A escola que atua na perspectiva da diversidade contracolonial deve compreender a importância do capital cultural e que os indivíduos sociais usam mecanismos de forma intensa a partir de qualquer condição em que se sente ameaçado. Assim, o filme apresenta elementos da gordofobia quando Tony faz a competição de quem come o maior número de cachorros-quentes, em que o sujeito que sofre preconceito pode reproduzir socialmente a violência a seu favor.

Relações de poder estão presentes no tempo e espaço da escola, que possui um movimento dialético, violências são perpetuadas, socialmente todos nós damos condições para que os preconceitos surjam. Portanto, vemos que precisamos entender a história de vida, a trajetória, e não naturalizar os processos de sofrimento enfrentados por alunos que, assim como no filme, são sujeitos de direitos que devem ser respeitados em sua integralidade.

De acordo com Jesus (2018, p. 15):

Ao se silenciarem acerca das denúncias, as instituições escolares também se silenciam acerca do próprio racismo e, em consequência, silencia-se sobre os meios de combatê-lo. Afinal, como combater aquilo que não se reconhece a existência? Deste modo, ao permitir a produção e reprodução dos estereótipos raciais, e silenciar-se ante as denúncias, tomando-as como inexistentes, as instituições escolares invisibi-

lizam as possibilidades destes sujeitos, portadores de corpos vistos como anormais, de se converterem, ou se afirmarem em sujeitos diferentes daquilo que é enunciado pelos estereótipos a eles atribuídos.

Dessa forma entendemos que é necessário decolonizar o currículo e construir coletivamente fóruns, debates que nos demonstrem experiências que remetem às mudanças. Não podemos cair no fatalismo, mas sim romper com a construção dessa estrutura que pelas políticas de governo estatais tentam nos engessar (Farias, 2021). As palavras de Jesus (2018, p. 15) nos abrem caminhos para resistir contra o fracasso escolar e possibilitar coletivamente a desconstrução do processo de preconceito a partir da significação de se colocar no “lugar do outro”, combatendo a invisibilidade a estas expressões da questão social que são próprias do modelo concedido como padrão ideal pela sociedade burguesa.

Considerações finais para uma educação contracolonial

Saffioti (1987), na obra *O poder do macho*, enfatiza que o capitalismo-racismo-patriarcado aprisiona mulheres e homens da classe trabalhadora, principalmente os que se encontram alienados perante a lógica do sistema de opressão e exploração. Estes são multiexplorados pela lógica capitalista a partir do poder financeiro e aquisitivo do homem heterossexual, rico e branco que detém a propriedade dos bens de produção. Esses elementos contraditórios se metamorfoseiam na vida de homens e mulheres que visualizam o poder do homem heterossexual, rico e branco como um padrão a ser seguido Farias (2020, 2021). As violências simbólicas empreendidas nas classes populares foram/são diretamente planejadas pela classe burguesa, na finalidade de manter seus privilégios e sua riqueza.

Como profissionais e educadores coerentes, e compromissados com as classes populares, devemos ter a sensibilidade de um pesquisador e compreender a dinâmica das relações sociais de baixo para cima. Não se trata de hierarquizar, mas entender empaticamente o lugar que o “outro” ocupa na sociedade. As pessoas sofrem os impactos discriminatórios de maneira diferenciada, e pessoas consideradas diferentes do padrão de normalidade são acidentadas e massacradas pela conjuntura e estrutura. As arbitrariedades, coerção, intolerância e injustiça se apresentam na vida cada indivíduo de maneiras distintas.

Don Shirley e Tony Lip irão aprender com as diferenças (Freire, 2022), no enredo da história, fazendo com que os dois superem os preconceitos e julgamentos provisórios, que se refletem no padrão ideal da normalidade. A síntese desses elementos se encontra na produção e reprodução dos estereótipos que se fazem presentes no racismo e na xenofobia e na maneira como esses processos podem afetar o desenvolvimento educacional de alunos por meio do papel social da escola de conservar e de não se propor a ajudar a transformar e a romper com o cotidiano de preconceitos enfrentados por diversos indivíduos sociais baseado em suas características étnico-raciais, corporais e de pertencimento cultural.

Green Book traz muitos aspectos de sofrimento do homem negro, neste sentido, é necessário apresentarmos o filme em sala de aula exaltando o talento do artista e o objetivo central do mesmo de abrir caminhos para que outros homens e mulheres negras possam sair do “lugar do outro” que a sociedade concebe como o lugar social e posição que cada indivíduo pode ocupar, como se em uma sociedade de castas. Como se cada pessoa em suas singularidades não pudesse se permitir a descobrir o mundo, as artes, a matemática, a ciências, a sociabilidade, a física etc., conteúdos de disciplinas que podem ser trabalhados a partir do filme numa perspectiva interdisciplinar estando também de acordo com a Lei 10.639/03, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação e incluiu no currículo oficial da rede escolar a obrigatoriedade do ensino da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Africana”.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Minima moralia**: reflexões a partir da vida danificada. Tradução de Luiz Eduardo Bica. 2. ed. São Paulo: Ática, 1993.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro: Pólen, 2019. (Coleção Feminismos Plurais).

AMARO, Sarita; FARIAS, Eduardo Augusto. **Para entender o enegrecer**: glossário afrocentrado de A a Z. Porto Alegre: Nova Práxis Editorial, 2021.

BHABHA, Homi. Como o novo entra no mundo: o espaço pós-moderno, os tempos pós-coloniais e as provações da Tradução Cultural. In: BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 274-292.

BORDIEU, Pierre. **A reprodução**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

FARIAS, Eduardo Augusto; SOUZA, Ravelli Henrique de; OLIVEIRA, Marta Regina Furlan de. **Potencializando o enegrecer a partir da análise fílmica de *Green Book*: um guia para a vida**.

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 14, n. 31, maio-ago. 2024

ISSN: 2238-2046. Disponível em: < <https://doi.org/10.35699/2238-2046.2024.46619> >

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A Reprodução**: elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino. Covilhã: Universidade da Beira Interior: Editora Lusosofia, 2009. (Coleção Recensões Lusosofia).

BORDIEU, Pierre. **A dominação masculina**: a condição feminina e a violência simbólica. Tradução de Maria Helena Kühner. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**: crítica da violência ética. Tradução de Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

BUTLER, Robert N. Ageism: a foreword. **Journal of Social Issues**, Washington, DC, v. 36, n. 2, p. 8-11, 1980.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FANON, Frantz. **Alienação e liberdade**: escritos psiquiátricos. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FARIAS, Eduardo Augusto. **A entrega do(a) filho(a) à adoção**: realidade e desafios ao atendimento profissional. Porto Alegre: Nova Práxis Editorial, 2020.

FARIAS, Eduardo Augusto. **Trabalhando com pessoas com deficiência e suas famílias**: a caminho de perspectivas mais inclusivistas. Porto Alegre: Nova Práxis Editorial, 2021.

FILHA, Constantina Xavier. Família, famílias... representações e práticas educativas. In: FILHA, Constantina Xavier (org.). **Sexualidade, gênero e diferenças na educação das infâncias**. Campo Grande: Editora UFMS, 2012. p. 12-29.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 73. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. 11. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

HOOKS, bell. **We Real Cool**: Black Man and Masculinity. New York: Routledge, 2004.

JESUS, Rodrigo Ednilson de. Mecanismos eficientes na produção do fracasso escolar de jovens negros: estereótipos, silenciamento e invisibilização. **Revista EDUR**: Educação em Revista, Belo Horizonte, n. 34, e167901, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/rzs7bGtj4LKQSCkqz8rMdvD/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 9 maio 2023.

QUEM foi Don Shirley, o pianista de Green Book. **Nerdizmo**, [S. l.], 25 fev. 2019. Cinema Música. Disponível em: <https://nerdizmo.uai.com.br/quem-foi-don-shirley-o-pianista-de-green-book/>. Acesso em: 25 abr. 2022.

RECIO, Rosa Vázquez; LÓPEZ-GIL, Mónica. Interseccionalidad, jóvenes "sin-sistema" y resistencia. Una mirada diferente del fracaso/abandono escolar. **Revista Brasileira de Educação**, v. 23, e230094, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/fX4NGxF5hPZRzNNmsTbKpds/?format=pdf&lang=es>. Acesso em: 9 maio 2023.

FARIAS, Eduardo Augusto; SOUZA, Ravelli Henrique de; OLIVEIRA, Marta Regina Furlan de. **Potencializando o enegrecer a partir da análise fílmica de *Green Book*: um guia para a vida**.

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 14, n. 31, maio-ago. 2024
ISSN: 2238-2046. Disponível em: < <https://doi.org/10.35699/2238-2046.2024.46619> >

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RODRIGUES, Jessyka. **Sem rótulos, por favor!** Gênero e sexualidade em ambientes educacionais. Porto Alegre: Nova Práxis Editorial, 2020.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

GREEN BOOK: o guia. Direção: Peter Farrelly. Roteiro: Nick Vallelonga, Peter Farrelly. Los Angeles: Village Roadshow Pictures; New York: Universal Pictures, 2018.



Este trabalho está disponível sob a Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

NOTAS

1 Nascido em janeiro de 1927, Donald Walbridge Shirley, também conhecido como Don Shirley, como retratado no filme *Green Book*, foi um pianista consagrado que buscou romper barreiras raciais em um Estados Unidos segregado. Filho de pais jamaicanos imigrantes, Shirley nasceu em Pensacola, Florida, e tocou suas primeiras notas no piano aos dois anos de idade. Quando criança, acompanhava seu pai, um sacerdote episcopal, ao órgão da igreja. Após a morte de sua mãe, aos nove anos de idade foi estudar com Mittolovski no conservatório de Leningrado. Disponível em: <https://nerdizmo.uai.com.br/quem-foi-don-shirley-o-pianista-de-green-book/>. Acesso em: 25 abr. 2022.

2 Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-47361544#:~:text=Ao%20viajar%20pelo%20pa%C3%ADs%20em,seguros%20para%20afroamericanos%20na%20C3%A9poca>. Acesso em: 10 maio 2023.